



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

ALÇAMENTO DA VOGAL /O/ NA FALA DE ALUNOS DO 3º E 4º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE TRÊS COROAS/RS



VOWEL ELEVATION OF /O/ IN THE SPEECH OF 3RD AND 4TH YEARS STUDENTS OF TRÊS COROAS/RS' ELEMENTARY SCHOOL

Édina PORCHER

Universidade Feevale, Brasil

Rosemari Lorenz MARTINS

Universidade Feevale, Brasil

Lovani VOLMER

Universidade Feevale, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 01/08/2019 • APROVADO EM 24/11/2019

Resumo

Este estudo, consoante os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, discute o alçamento da vogal “o” em posição pré-tônica e pós-tônica. O objetivo da pesquisa foi analisar em que medida o alçamento da vogal “o” ocorre na fala e quais os contextos sociais e linguísticos que favorecem esse processo. A pesquisa foi realizada com crianças do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental de escolas da rede municipal de Três Coroas/RS. A coleta de dados foi feita por meio de uma entrevista oral, na qual foram mostradas aos participantes imagens que representavam palavras com a vogal média “o” em posição pré-tônica e em pós-tônica. Após a coleta dos dados, a análise e a interpretação dos resultados indicaram alçamento vocálico em 53,4% das palavras analisadas e, dessa porcentagem, 75,7% das ocorrências se deu em palavras pós-tônicas.

Abstract

This study, according to the methodological assumptions of the Variationist Sociolinguistics, discusses the elevation of the vowel “o” in pre-tonic and post-tonic position. The objective of the research was to analyze to what extent the rise of the vowel “o” occurs in speech, and which social and linguistic contexts favor this process. The research was conducted with children from the 3rd and 4th grades of elementary schools Coroas/RS. Data were collected through an oral interview, in which participants were exposed to images divided into two categories: words with the middle vowel “o” in pre-tonic position and post-tonic. After data collection, the analysis and interpretation of the results indicated vocalic elevation in 53.4% of the words analyzed and of this percentage, 75.7% of the occurrences were in post-tonic words.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Alçamento vocálico. Fonologia. Sociolinguística.

KEYWORDS: Phonology. Sociolinguistics. Vowel elevation.

Texto integral

Embora muitas vezes não seja percebido pelo homem, a língua está em constante evolução. Mas as mudanças na língua não ocorrem de forma brusca e imediata, elas se dão por meio de uma transformação continuada. As variações da língua não estão restritas a fatores linguísticos; elas também podem sofrer influências de fatores sociais como idade, sexo, escolaridade e localização geográfica do falante. Entre as diversas variações existentes no português brasileiro, investiga-se, nesta pesquisa, o fenômeno linguístico conhecido como alçamento vocálico ou harmonização vocálica, que “consiste na substituição da vogal média /e, o/ pela vogal alta /i, u/ respectivamente” (BISOL, 2015, p. 188).

Dito isso, o presente artigo busca verificar em que medida ocorre alçamento da vogal “o” na fala de alunos de 3º e 4º anos do Ensino Fundamental de escolas municipais de Três Coroas/RS. Busca-se, também, identificar quais os fatores

linguísticos e sociais que condicionam a ocorrência do alçamento da vogal “o” na fala dessas crianças. Para atender aos objetivos estabelecidos, foram coletados dados de fala das crianças, os quais foram analisados sob a perspectiva da linguística variacionista de Labov (1972).

Compreender o alçamento do fonema /o/ na fala das crianças é importante para a compreensão do processo de aquisição da escrita e, conseqüentemente, para o processo de ensino e aprendizagem, porque o fenômeno pode influenciar sua escrita, o que, para muitos professores, pode significar um problema linguístico grave. Segundo Tasca (2002), contudo, no início do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, muitas crianças apresentam interferências fonológicas em sua escrita, o que vai desaparecendo à medida que avançam na escolaridade.

EMBASAMENTO TEÓRICO

A fala, conforme Câmara Jr. (1989, p. 47), “é um sistema de signos acústicos”. Quando ouvimos a fala de alguém, interpretamos os sons e “não os movimentos articulatórios que serviram para emitir esses sons e que, na sua maioria, nos escapam” (CÂMARA JR., 1989, p. 47). Isso significa que a fala é um fenômeno fonético que ocorre através da articulação da voz. Dubois *et al.* (2007) consideram que o ato de fala engloba três fases: articulação e fonação dos sons, propagação da mensagem através de ondas sonoras e a recepção e interpretação da onda sonora pelo ouvido humano.

Sendo assim, o que ouvimos são fonemas. Fonemas são representações sonoras que, combinadas, produzem significados capazes de expressar mensagens. É importante destacar que *fonemas* e *letras* não são sinônimos. *Fonema* é um som vocal que é registrado e compreendido pelo ouvido, enquanto *letra* é o símbolo utilizado para representar o sistema sonoro da língua (BECHARA, 2015). Para Dubois *et al.* (2007), fonemas são as menores unidades desprovidas de sentido do sistema fonológico de uma língua, que se combinam continuamente para estruturar significantes e que, ao mesmo tempo, se opõem para diferenciar as mensagens umas das outras.

O sistema fonológico do Português Brasileiro é formado por 19 sons consonantais, 7 vocálicos e duas semivogais ou glides. A distribuição dos fonemas consonantais, considerando o modo e o ponto de articulação, pode ser visualizada na Figura 1.

QUADRO DAS CONSOANTES									
Consoantes									
Papel das Cavidades Nasais		Orais						Nasais	
Modo de Articulação		Oclusivas		Constritivas					
				Fricativas		Vibrantes	Laterais		
Papel da cordas vocais		Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Sonoras	Sonora	Sonora	
Ponto de articulação	bilabiais	p	b					m	
	labiodentais			f	v				
	linguodentais	t	d						
	alveolares			s		r			
				c	z	rr	l	n	
				ç					
	palatais			x	g		lh	nh	
			ch	j					
velares		c q	g						
		(k)	(guê)						

Figura 1: Quadro das consoantes do Português

Fonte: encurtador.com.br/lpqF2

De acordo com Bechara (2015), o ser humano não possui um aparelho especial para a fala, mas faz uso de outros sistemas para produzir sons. Os fonemas são produzidos através dos órgãos do aparelho respiratório e dos órgãos superiores do aparelho digestivo, como mostra a Figura 2.

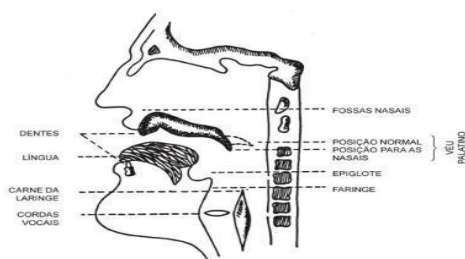


Figura 2: Aparelho Fonador

Fonte: Bechara (2015, p.60)

O ar que vem dos pulmões chega à laringe, onde estão localizadas as pregas vocais e dirige-se à boca, local onde os fonemas orais são produzidos, ou chega às fossas nasais, onde são gerados os fonemas nasais (CRISTOFARO-SILVA, 2010). Para Bechara (2015, p. 62), a voz humana é composta por tons e ruídos que são

perfeitamente distinguíveis aos ouvintes. Os tons correspondem às vogais e os ruídos correspondem às consoantes. As vogais são fonemas cuja formação se dá quando o ar passa livremente pela cavidade bucal, enquanto as consoantes encontram a cavidade bucal total ou parcialmente fechada, formando, assim, um obstáculo à saída de ar (DA HORA, 2012). Conforme afirma Câmara Jr. (1989), as vogais são classificadas de acordo com a intensidade, o timbre, o papel das cavidades nasais e de acordo com a zona de articulação.

A respeito da zona de articulação das vogais, elas podem ser classificadas como anteriores, posteriores e médias. As vogais *anteriores* ocorrem quando a ponta da língua ascende em direção ao palato duro, o que diminui a abertura bucal e aumenta a abertura da laringe. Desse movimento, origina-se a série /é/, /ê/, /i/. As vogais *posteriores* ocorrem quando o dorso da língua se eleva em direção ao véu do palatal, diminuindo a abertura bucal e gerando um arredondamento dos lábios, formando a série /ó/, /ô/, /u/; já as vogais médias formam-se quando a cavidade bucal se encontra ligeiramente aberta e a língua permanece em posição de quase repouso, exigindo pouco esforço. Dessa forma, o fonema /a/ é formado (BECHARA, 2015). A exemplificação da produção das vogais é apresentada nas Figuras 3 e 4.

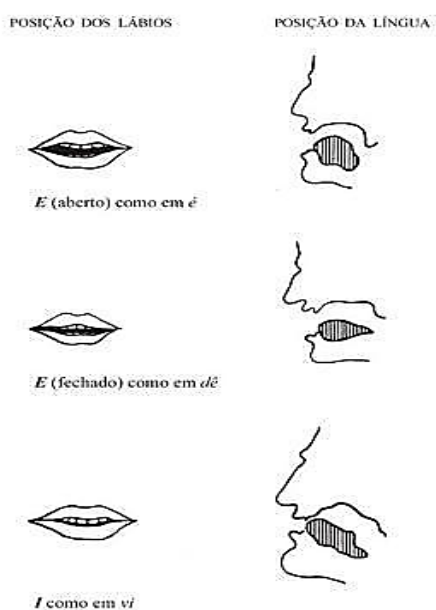


Figura 3: Vogais anteriores

Fonte: Bechara (2015, p.63)



Figura 4: Vogais posteriores

Fonte: Bechara (2015, p.64)

A categorização das vogais quanto à intensidade se dá a partir do efeito acústico que decorre da amplitude das ondas sonoras. As vogais podem ser tônicas, que são aquelas que recebem o acento tônico da palavra, ou átonas, que são acentuadas e podem ser pré-tônicas ou postônicas (CRISTOFARO-SILVA, 2010). Bechara (2015) afirma que as vogais podem apresentar diferenças quanto ao timbre, o que ocorre devido ao espaço existente entre o dorso da língua e o véu do palatal, como pode ser visualizado na Figura 5.

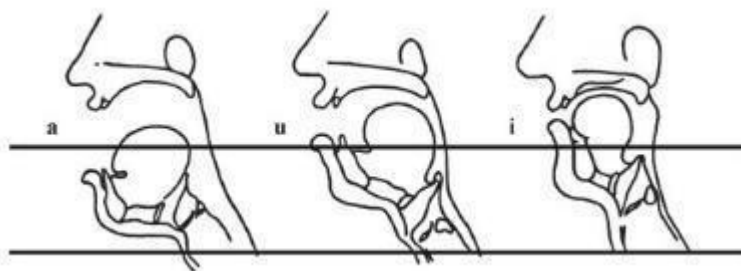


Figura 5: posição das vogais

Fonte: Bechara (2015, p. 65)

As vogais de timbre *aberto* são produzidas quando a língua se abaixa, criando os fonemas /a/, /é/, /ó/. Nas vogais de timbre *fechado*, a língua eleva-se para formar os fonemas /ê/, /ô/, /i/, /u/.

Quanto à função das cavidades orais e nasais, entende-se que as vogais podem ser classificadas em *vogais orais* e *vogais nasais*. Vogais orais são aquelas cuja repercussão sonora ocorre na boca. De acordo com Bechara (2015), elas dividem-se em tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), átonas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e reduzidas (/ã/, /ĩ/, /u/). As vogais nasais são aquelas que ressoam nas fossas nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/).

O alçamento vocálico ocorre quando as vogais pré-tônicas “assimilam o traço de altura da vogal seguinte, tornando-se altas como a vogal tônica” (DA HORA, 2012, p. 19). Ou seja, o alçamento vocálico caracteriza-se pela elevação do traço de altura das vogais médias [e, o] na posição pré-tônica que passam a ser produzidas como vogais altas [i, u], para que se estabeleça uma “harmonia” entre os traços das vogais (BISOL, 1992). Tal variação pode ser descrita tanto pela estrutura interna da língua (fatores linguísticos), quanto por fatores extralinguísticos (aspectos sociais). Segundo Monaretto (2013), durante o alçamento, há um direcionamento da língua para parte superior da cavidade bucal, produzindo formas alternantes como c[o]lher e c[u]lher e f[o]gão e f[u]gão.

Em sua pesquisa, Monaretto (2013) buscou analisar a ocorrência de alçamento vocálico na fala dos mesmos indivíduos em tempos distintos, 1970 e 2000. Os informantes, moradores de Porto Alegre/RS, possuíam, no momento da primeira coleta de dados, idades entre 26 e 58 anos e, no ano 2000, idades entre 53 a 85 anos. De maneira geral, como resultado da pesquisa, o alçamento ocorreu, em 1970, em 15,4% dos dados e, em 2000, em 12,8%; o contexto fonológico mostrou-se relevante para a ocorrência do fenômeno nos fonemas /e/ e /o/; e o contexto fonológico anterior, principalmente palavras com consoantes palatais, com peso relativo de 0,78. Entretanto, a autora ressaltou que o número de aplicações não foi relevante a ponto de ser possível fazer generalizações acerca do assunto. Ela também afirmou que o contexto fonológico posterior mostrou-se irrelevante para a produção de alçamento; e verificou que, em 2000, os homens alçaram mais o fonema /o/ do que as mulheres, resultado oposto ao de 1970. Por fim, Monaretto

(2013) afirmou que o fenômeno de alçamento vocálico em palavras com os fonemas /o/ e /e/ em posição pré-tônica é um fenômeno estável no Português Brasileiro.

Em uma análise de 38 entrevistas retiradas da Amostra Censo do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista – (FAPESP 03/08058-6), realizado no IBILCE/ UNESP, Carmo e Tenani (2013) verificaram alçamento em 811 ocorrências de um total de 4.967 ocorrências totais de vogais pré-tônicas, o que corresponde a 16,3% dos dados analisados. Esse percentual, segundo as autoras, representa uma taxa relativamente baixa de aplicação do processo. Elas identificaram também “uma frequência ligeiramente maior de aplicação do alçamento no que diz respeito à vogal /o/ (16,6%), quando comparada a /e/ (16,1%)” (CARMO/ TENANI, 2013, p. 618) e uma preferência pelo alçamento do fonema /o/, quando o contexto fonológico precedente ao /o/ são os fonemas bilabiais /p, b/. As pesquisadoras concluíram, ainda, que os fatores sociais não mostraram influência significativa para a ocorrência do alçamento vocálico, mas identificaram que os homens se mostraram mais favoráveis ao alçamento, com peso relativo 0,543, enquanto as mulheres se mostraram menos favoráveis, com peso relativo de 0,459.

Já Aguiar e Castro (2007) analisaram a fala de sertanejos da região Sul do Maranhão, especificamente da região de Balsas, com idades acima de 65 anos, com o objetivo de identificar os aspectos fonéticos-fonológicos favoráveis à harmonização vocálica em palavras em que os fonemas /o/ e /e/ estivessem em posição pré-tônica. As pesquisadoras verificaram que o alçamento se mostrou mais favorável em palavras em que o contexto anterior do fonema /o/ fossem consoantes velares, seguidas de bilabiais, e do fonema /e/, as alveolares, seguidas das bilabiais; e em que o contexto fonológico posterior do fonema /o/ fossem também consoantes velares e do fonema /e/, alveolares.

É importante ressaltar, ainda, que, segundo Da Hora (2012), o alçamento vocálico ocorre exclusivamente na fala, não sendo possível encontrá-lo na escrita. Todavia, segundo estudos de Mezzomo, Boli Mota e Dias (2010), na escrita inicial, existe uma relação entre a oralidade e a escrita, porque as operações de processamento da escrita baseiam-se, inicialmente, na estrutura fonológica da língua. Sendo assim, conhecer os processos fonológicos do português é relevante para qualquer professor que atua com anos iniciais do Ensino Fundamental, o que justifica a realização deste trabalho, cujos procedimentos metodológicos são descritos na seção que segue.

3 METODOLOGIA

Este estudo buscou investigar a ocorrência de alçamento vocálico na fala de crianças de 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. O *corpus* da pesquisa foi composto por dados de 93 alunos, 47 meninas e 46 meninos, moradores da cidade de Três Coroas/RS, estudantes das 8 escolas de ensino fundamental mantidas pela administração municipal. Para a coleta de dados, foi apresentado às crianças um

conjunto de 21 imagens, constituído a partir de um quadro de palavras¹ que continham o fonema-alvo da pesquisa /o/ localizado em duas posições silábicas, de acordo com a tonicidade (pré-tônica e pós-tônica), e considerando o contexto anterior e posterior do fonema-alvo.

Para a coleta dos dados, as imagens foram apresentadas uma a uma aos alunos, a fim de que produzissem oralmente sentenças curtas com as palavras-alvo da pesquisa. Todas as interações com as crianças foram gravadas e transcritas posteriormente da forma como as crianças produziram as palavras. Na sequência, os dados foram organizados, codificados e analisados, utilizando-se o programa de análise estatística Goldvarb X¹.

Para tanto, estabeleceu-se como elemento de composição da variável dependente o alçamento ou não do fonema /o/ nas amostras de fala das crianças participantes da pesquisa. E, para examinar o papel dos possíveis condicionadores linguísticos e sociais para a realização do processo em exame, estabeleceram-se como variáveis independentes linguísticas o contexto fonológico anterior ao fonema /o/ (*vogal*: como nas palavras ‘rádio’ e ‘cílios’; *fricativo*: como nas palavras ‘árvore’, ‘fósforo’ e ‘sorvete’; *lateral*: como nas palavras ‘alho’, ‘coelho’, ‘óculos’, ‘enroladinho’ e ‘martelo’; *plosivo*: como nas palavras ‘boné’, ‘dedo’, ‘sabonete’, ‘arco-íris’ e ‘borboleta’; *nasal*: como nas palavras ‘mochila’, ‘caderno’ e ‘cômoda’; *vibrante*: como nas palavras ‘pérola’, ‘enroladinho’, ‘livro’ e ‘fósforo’); o contexto fonológico posterior ao fonema /o/ (*vogal*: como nas palavras ‘coelho’ e arco-íris; *fricativo*: como nas palavras ‘mochila’, ‘óculos’ e ‘cílios’; *lateral*: como nas palavras ‘enroladinho’, ‘borboleta’ e ‘pérola’; *plosivo*: como na palavra ‘cômoda’; *nasal*: como nas palavras ‘boné’ e ‘sabonete’; *vibrante*: como nas palavras ‘sorvete’, ‘árvore’, ‘borboleta’ e ‘fósforo’; pausa: como nas palavras ‘alho’, ‘enroladinho’, ‘dedo’, ‘martelo’, ‘livro’, ‘caderno’, ‘rádio’ e ‘fósforo’); e a tonicidade (posição pré-tônica, como nas palavras ‘boné’, ‘sorvete’, ‘enroladinho’, ‘mochila’, ‘borboleta’, ‘sabonete’, ‘coelho’ e ‘arco-íris’; posição pós-tônica, como nas palavras ‘alho’, ‘enroladinho’, ‘dedo’, ‘árvore’, ‘martelo’, ‘livro’, ‘caderno’, ‘rádio’, ‘coelho’, ‘cômoda’, ‘óculos’, ‘pérola’, ‘fósforo’ e ‘cílios’); e, como variáveis independentes sociais, as dimensões sexo (masculino e feminino) e escolaridade (3º ano do ensino fundamental e 4º ano do ensino fundamental).

Essas variáveis foram estabelecidas tomando como base os trabalhos de Aguiar e Castro (2007), que, ao investigarem a ocorrência do alçamento vocálico em posição pré-tônica na fala de indivíduos da zona rural de Balsas/MA, com idades acima de 65 anos, verificaram que o alçamento se mostrou mais favorável em palavras cujo contexto anterior fossem fonemas bilabiais e alveolares e contexto posterior, fonemas alveolares; de Carmo e Tenani (2013), que constataram, em sua pesquisa sobre a produção dos fonemas /e/ e /o/, com informantes com idades entre 7 e 65 anos, moradores do noroeste paulista, que o alçamento do fonema /o/ ocorreu em posição pré-tônica e que os fatores sociais não mostraram influência significativa para a ocorrência do alçamento; e de

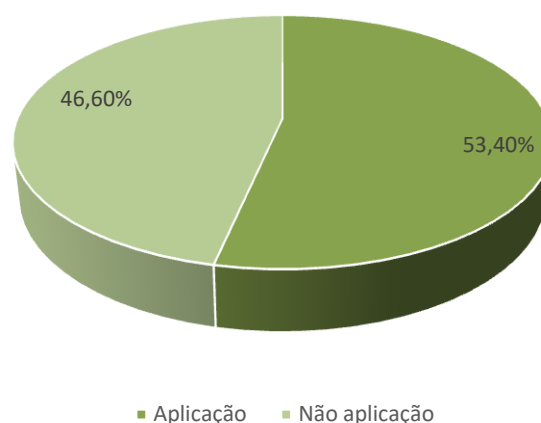
¹ O Programa *Goldvarb-X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) consiste em uma ferramenta de análise estatística utilizada especialmente para o tratamento estatístico de regras variáveis em estudos sociolinguísticos, tem sido adotada também pelas áreas de Aquisição da Linguagem e da Linguística Aplicada.

Monaretto (2013), a qual identificou, em sua pesquisa sobre a ocorrência de alçamento vocálico na fala dos mesmos indivíduos, moradores de Porto Alegre/RS, em tempos distintos, 1970 e 2000, os quais possuíam, no momento da primeira coleta de dados, idades entre 26 e 58 anos, e, no ano 2000, idades entre 53 a 85 anos, como relevante para a ocorrência do fenômeno o contexto fonológico anterior, principalmente palavras com consoantes palatais e a posição pré-tônica.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das amostras de fala das crianças participantes da pesquisa revelou uma frequência global de alçamento do fonema /o/, como na produção de 'm[u]chila' para "mochila", em 53,4% dos dados (953/1783), conforme pode ser visualizado no Gráfico 1 que segue.

Gráfico 1 – Frequência do Alçamento Vocálico do Fonema /o/ na Fala



Fonte: construído pelas pesquisadoras

A taxa de aplicação do fenômeno foi relativamente alta, bem maior do que as frequências observadas por Carmo e Tenani (2013), que verificaram a ocorrência de alçamento vocálico em 16,3% dos dados, e Monaretto (2013), que identificou a aplicação em apenas 13,1%. Uma possível justificativa para a frequência maior de alçamento nesta pesquisa pode ser a diferença na faixa etária dos informantes, uma vez que, na pesquisa de Carmo e Tenani, os informantes tinham idades entre 7 e 65 anos e, na de Monaretto, os informantes, que foram entrevistados duas vezes em um período de 27 anos, possuíam idades que variavam entre 26 e 58 anos na primeira etapa e 53 e 85 anos na segunda etapa. Outra justificativa pode ser as diferentes regiões onde os dados foram obtidos, já que a pesquisa de Carmo e Tenani (2013) foi realizada com moradores do noroeste paulista e Monaretto (2013) analisou dados de entrevistas com indivíduos de

Porto Alegre/RS, enquanto esta investigação foi realizada em Três Coroas, cidade que se localiza a 71km da capital do estado Porto Alegre.

No que diz respeito às variáveis independentes linguísticas e sociais analisadas para esta pesquisa, conforme propõe Labov (1972), o programa de análise estatística selecionou como relevantes para o alçamento do fonema /o/ apenas as variáveis linguísticas contexto fonológico anterior, contexto fonológico posterior e tonicidade. Os resultados obtidos para a análise do contexto fonológico posterior podem ser visualizados na Tabela 1 que segue.

Tabela 1 - Contexto Fonológico Anterior

Fatores	Peso Relativo	Porcentagem	Aplicação/Total
Fricativa (ex.: sorvete)	0,44	25,7%	87/339
Lateral (ex.: alho)	0,46	86%	227/264
Nasal (ex.: cômoda)	0,65	80,5%	157/195
Plosiva (ex.: boné)	0,50	43,5%	275/632
Vibrante (ex.: pérola)	0,39	42,8%	101/236
Vogal (ex.: cílios)	0,67	90,6%	106/117
TOTAL			953/1783

Input: 0.559

Significance: 0.013

Fonte: construída pelas pesquisadoras

Observando-se a Tabela 1, verifica-se que o contexto mais favorável para o alçamento do fonema /o/ foi o contexto vogal (como na produção de 'cíli[u]s no lugar de 'cíli[o]s'), com peso relativo de 0,673, com alçamento em 106 das 117 palavras analisadas, o que equivale a 90,6% das palavras. Além da vogal, mostrou-se favorecedor para o alçamento também o contexto nasal (como na produção de 'com[u]da' no lugar de 'côm[o]da'), com peso relativo de 0,654, com alçamento em 157 das 195 palavras analisadas, o que equivale a 80,5% das palavras. O contexto plosivo (como na produção de 'b[u]né' no lugar de 'b[o]né'), com peso relativo 0,502, com alçamento em 275 das 632 palavras analisada, o que equivale a 43,5%, revelou-se neutro, enquanto os lateral (como na produção de 'alh[u]' no lugar de 'alh[o]'), com peso relativo de 0,462 (227/264), fricativo (como na produção de 'fósf[u]ro' no lugar de 'fósf[o]ro'), com peso relativo 0,444 (87/339) e vibrante

(como na produção de ‘pér[u]la’ no lugar de pér[o]la’), com peso relativo de 0,398 (101/236) mostraram-se pouco favoráveis ao alçamento.

Esse resultado difere do de Monaretto (2013), segundo a qual o contexto anterior mais favorável para o alçamento foram os fonemas palatais /ɲ, ʒ, ʎ, ʎ/. Difere também do de Carmo e Tenani (2013), que verificaram que o contexto fonológico precedente ao fonema /o/ que se mostrou mais favorecedor para a aplicação do alçamento foram os fonemas bilabiais /p, b/. E, da mesma forma, também do de Aguiar e Castro (2007), que encontraram como contexto mais favorável à ocorrência de alçamento os fonemas velares /k, g, r/.

No que tange ao contexto fonológico posterior ao fonema /o/, a análise dos dados mostrou que o contexto mais favorável para o alçamento foi o fricativo (como na produção de ‘m[u]chila’ para ‘m[o]chila’), com peso relativo 0,861, com alçamento em 282 das 320 palavras analisadas, o que equivale a 88,1% das palavras. Mostraram-se também favorecedores para o alçamento também o contexto vogal (como na produção de ‘arc[u]-íris’ para ‘arc[o]-íris’), como peso relativo de 0,679 (256/350), o nasal (como na produção de ‘sab[u]nete’ no lugar de ‘sab[o]nete’) com peso relativo de 0,670 (92/203) e a pausa² (como na produção de ‘martel[u]’ no lugar de ‘martel[o]’), com peso relativo de 0,638 (120/137), como pode ser visualizado na Tabela 2.

Tabela 2 - Contexto Fonológico Posterior na Fala

Fatores	Peso Relativo	Porcentagem	Aplicação/Total
Fricativa (ex.: mochila)	0,86	88,1%	282/320
Lateral (ex.: borboleta)	0,18	17,1%	42/245
Nasal (ex.: sabonete)	0,67	45,3%	92/203
Plosiva (ex.: fogão)	0,37	44,3%	81/183
Vibrante (ex.: fósforo)	0,14	23,3%	80/344
Vogal (ex.: arco-íris)	0,67	73,1%	256/350
Pausa (ex.: martelo em final de frase)	0,63	87,6%	120/137
TOTAL			953/1783

Input: 0.559

Significance: 0.013

Fonte: construída pelas pesquisadoras

Observando-se a Tabela 2, verifica-se, ainda, que os contextos plosivos (como na produção de ‘f[u]gão’ no lugar de ‘f[o]gão’), com peso relativo de 0,370 (81/183), lateral (como na produção de ‘borb[u]leta’ no lugar de ‘borb[o]leta’), com peso relativo de 0,182 (42/245) e vibrante (como na produção de ‘fósf[u]ro’ para ‘fósf[o]ro’) com peso relativo de 0,149 (80/344), não se mostraram favoráveis ao alçamento.

Os resultados aqui obtidos aproximam-se dos encontrados por Aguiar e Castro (2007), as quais, apesar de não apresentarem dados estatísticos acerca dos resultados obtidos, afirmam que o fator que apresentou maior favorecimento para a elevação do fonema /o/ foi a presença de fonemas alveolares (/s, z, l, r/), seguidos dos nasais /m, n, ŋ/.

Por fim, quanto à tonicidade, a análise dos dados mostrou o contexto pós-tônico (como na produção de ‘pér[u]la’ para ‘pér[o]la’), como mais favorável para o alçamento, com peso relativo de 0,777, com alçamento do fonema /o/ em 737 das 973 palavras analisadas, o que equivale a 75,7% dos casos, como pode ser visualizado na Tabela 3.

Tabela 1 – Tonicidade

Fatores	Peso Relativo	Porcentagem	Aplicação/Total
Pré-tônica (ex.: fogão)	0,183	26,7%	216/810
Pós-tônica (ex.: pérola)	0,777	75,7%	737/973
TOTAL		53,4%	953/1783

Input: 0.559

Significance: 0.013

Fonte: construída pelas pesquisadoras

A Tabela 3 mostra, ainda, que a posição pré-tônica (como na produção de ‘f[u]gão’ para ‘f[o]gão’), com peso relativo de 0,183, o que ocorreu em 216 das 810 palavras analisadas, mostrou-se mesmo favorável ao alçamento. Esse resultado traz novas informações acerca do alçamento vocálico, uma vez que as pesquisas analisadas para a construção deste trabalho, que analisaram o alçamento do fonema /o/, como Carmo e Tenani (2013) e Monaretto (2013), identificaram a posição pré-tônica como mais favorável para o alçamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar a influência do alçamento do fonema /o/ na fala de alunos do 3º e do 4º ano das escolas de ensino fundamental mantidas pela administração municipal de Três Coroas/RS. Os dados obtidos nesta pesquisa

foram analisados e interpretados considerando-se variáveis linguísticas e sociais pré-determinadas. Dessa maneira, em um primeiro momento, foram analisados os dados totais da pesquisa, para, a seguir, verificar quais contextos se mostraram mais relevantes para a aplicação do fenômeno na fala.

De maneira geral, foram obtidos 1.783 dados de fala. Ao analisar os resultados, verificou-se que a elevação vocálica foi observada em 953 palavras das 1783 analisadas, o que corresponde a 53,4%. Os resultados obtidos diferem das frequências observadas por Aguiar e Castro (2007), Carmo e Tenani (2013) e Monaretto (2013). Uma possível justificativa para esse contraste pode ser a diferença na faixa etária dos informantes e o local de coleta dos dados.

A análise das variáveis linguísticas mostrou que a tonicidade é relevante para a elevação da vogal “o” assim como os contextos fonológicos anterior e posterior. Constatou-se, a partir do material analisado, que a posição pós-tônica, o contexto anterior vogal e o contexto posterior fricativo foram os mais relevantes para o alçamento do fonema /o/. A partir do que foi exposto ao longo deste estudo, pode-se concluir que o fenômeno linguístico alçamento vocálico é variável em sua aplicação, porque, com base nos trabalhos analisados e dos resultados obtidos através desta pesquisa, é possível verificar que o processo de harmonização vocálica tende a apresentar diversas facetas, dependendo dos falantes e da região na qual eles estão inseridos.

Notas

1 Palavras-alvo: boné, sorvete, alho, enroladinho, mochila, dedo, árvore, martelo, livro, caderno, rádio, borboleta, sabonete, coelho, cômoda, óculos, pérola, fósforo, arco-íris, cílios.

2 Usou-se pausa para indicar que o fonema em análise se encontrava no final da palavra morfológica.

Referências

AGUIAR, Maria Suelí de; CASTRO, Maria Célia Dias de. **O alçamento e abaixamento vocálico no dialeto da região de Gerais de Balsas**. Trabalho apresentado no VIII Colóquio de Pesquisa e Extensão da Universidade federal de Goiás – UFG, em 1/3/2007, Grupo de Estudos em Lingüística Histórica, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Suelí de Aguiar. Disponível em [file:///C:/Users/PC/Downloads/O_ALCAMENTO_E_ABAIXAMENTO_VOCALICOS_NO_DIALETO_DA_.pdf]

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna. 2015.

BISOL, Leda. **A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica**. DELTA. São Paulo: SP. V. 31-1, p. 185-205, 2015.

_____. **O acento**: duas alternativas de análise. Porto Alegre: PUCRS, 1992.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1989.

CARMO, Márcia Cristina do; TENANI, Luciani Ester. **As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista**: uma análise sociolinguística. Alfa: São Paulo, SP. V. 57, nº 2, p.607-637, 2013.

CRISTOFARO-SILVA, Thais. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2010.

DUBOIS, Jean (et al). **Dicionário de Linguística**. 15 ed. São Paulo: Cultrix. 2007.

HORA, Dermeval da. **Fonética e Fonologia**. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, V. 3, p. 1-45: 2012.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa; MOTA, Helena Bolli and DIAS, Roberta Freitas. Desvio fonológico: aspectos sobre produção, percepção e escrita. **Rev. soc. bras. fonaudiol.** [online]. 2010, vol.15, n.4, pp. 554-560.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **O alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ Sem motivação aparente**: um estudo em tempo real. Fragmentum. Santa Maria, RS. Nº 39, p. 18-28, Outubro a Dezembro/2013.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X** - A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

TASCA, Maria. **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais**: o papel dos fatores linguísticos e sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Para citar este artigo

PORSCHER, Edina Morgana; VOLMER, Lovani; MARTINS, Rosemari Lorenz. Alçamento da vogal /o/ na fala de alunos do 3º e 4º anos do ensino fundamental de Três Coroas/RS. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 395-409, set.-dez. 2019.

Edina Morgana Porscher é acadêmica de graduação de Letras Português-Inglês da Universidade Feevale.

Lovani Volmer possui graduação em Letras - Português/Alemão pela Unisinos (1994), é especialista em Informática Educativa pela Feevale (2001), mestre em Letras, ênfase em Leitura e Cognição, pela UNISC (2008), e doutora em Letras, ênfase em Leitura e Linguagens, pela UCS/Uniritter (2015). É professora na Universidade Feevale, onde já foi coordenadora do curso de Letras e diretora pedagógica da Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação - atualmente atua nos cursos de graduação em Letras e Pedagogia, nos projetos de “O mundo em NH: refugiados e migrantes, uma questão de Direitos Humanos” e “Jovem Aprendiz Feevale”, bem como no Mestrado Profissional em Letras. Possui longa experiência na educação básica, tanto na docência quanto na gestão, e pesquisa especialmente os seguintes temas: letramento e alfabetização; leitura e alfabetização; leitura e formação do leitor; leitura do texto literário no contexto escolar; PNBE; formação de professores.

Rosemari Lorenz Martins é graduada em Letras- Português/Alemão (1993), Especialista em Linguística do Texto (1996) e Mestre em Ciências da Comunicação (1999) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013). Atualmente é professora permanente do Mestrado Profissional em Letras, professora colaboradora do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social e professora do curso de Letras da Universidade Feevale. Atua como pesquisadora nos grupos de pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais e Informática na Educação. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, aquisição da linguagem e letramento, variação linguística e ensino.